

Onda anti-semita assusta Israel

SAMY ADGHIRNI
DA EQUIPE DO CORREIO

Para tornar a opinião pública mundial mais favorável a Israel, 140 estudantes israelenses estão percorrendo, neste mês, universidades nos Estados Unidos, Canadá e Europa. O roteiro deve se estender ao Brasil em 2004. Em grupos de três, os jovens viajam pelas principais cidades dos países visitados e dão palestras para expressar seus pontos de vista sobre o conflito no Oriente Médio. Mesmo que não tenha partido do governo, a iniciativa — de uma organização não-governamental norte-americana — mostra a preocupação dos israelenses com a onda global de anti-semitismo.

É na Europa que os jovens deverão concentrar seus esforços. Além dos atos de vandalismo contra sinagogas e das frequentes declarações antiisraelenses feitas por personalidades do Velho Continente, uma pesquisa realizada há duas semanas mostrou que 59% dos habitantes da União Européia (UE) consideram Israel o país que mais ameaça a segurança internacional — à frente de Irã, Coreia do Norte e Estados Unidos.

A pesquisa da UE dividiu a alta cúpula de Bruxelas e deixou um profundo mal-estar diplomático entre Europa e Israel. “Israel tem seis milhões de habitantes, estamos rodeados por 560 milhões de árabes que vivem no Oriente Médio. Como podemos ameaçar a segurança mundial?”, rebate Joseph Danziger, um dos estudantes que participam da campanha para melhorar a imagem de Israel.

O estudo acentuou a histórica incompreensão entre UE e Israel, que voltou à tona após uma série de incidentes. A polêmica recomeçou durante a Organização da Conferência Islâmica, no mês passado, na Malásia. Segundo o jornal israelense *Maariv*, o presidente francês, Jacques Chirac, teria tentado impedir a publicação de um comunicado da UE condenando o então premiê da Malásia, Mohamed Mahatir, por ter afirmado que os judeus dominam o mundo. Chirac desmentiu a acusação, mas o jornal lembrou que a França é o país europeu com o maior número de ataques a sinagogas.

Revolta

Dias depois, o deputado democrata-cristão alemão Martin Hohmann afirmou que seu país já havia “pago milhões” ao judeus — segundo ele, um povo culpado pelos horrores da revolução russa. O deputado mostrou uma carta de apoio de um general de alta patente do Exército alemão, Reinhard Günzel. Ambos acabaram demitidos. “Os europeus parecem cegos às vítimas e ao sofrimento dos israelenses. É revoltante que digam que o Estado judeu é pior do que os estados bandidos”, lamentou um diplomata israelense.

Em matéria de negócios, o bloco europeu e Israel têm parceria sólida e próspera. O mercado da UE absorve um terço das expor-



tações israelenses e metade das importações de Israel vêm da Europa. Mas, quando o assunto é política, as coisas sempre foram mais complicadas. Ambos nunca superaram totalmente o trauma do Holocausto.

Israel acusa a Europa de sempre se opor a seus interesses. Os europeus pedem que Israel res-

peite as resoluções das Nações Unidas e alegam que árabes e judeus têm direitos e obrigações. O apoio financeiro à Autoridade Palestina e a participação do líder palestino, Yasser Arafat, no processo de paz são alguns dos motivos de discórdia.

“Apoiamos o direito de Israel à existência e destacamos a ex-

ceção democrática que o país representa na região. Mas, como amigos, precisamos ter um diálogo franco. A Europa tem uma posição equilibrada, acreditamos no diálogo. Os europeus são indispensáveis ao processo de paz na região”, disse ao *Correio* Alberto Navarro, embaixador da UE no Brasil.